

OS LILASES PARA LEMBRAR

Faith Andrew Bedford NA REVISTA COUNTRY LIVING [MORAR NO CAMPO]

O ar suave da primavera fica impregnado pelas fragrâncias do primeiro corte de grama no ano. Maços dourados, bem caprichados, salpicam os prados, e as árvores frutíferas parecem estar revestidas com uma cobertura de baunilha. Da varanda de casa, olho através do vale para os picos das montanhas ao longe e percebo que o verde-claro das folhas novas avança ao longo das encostas, procurando alcançar o topo. Essa é a época para a primeira caminhada da estação em meio às flores selvagens.

Meu marido e eu dirigimos nossa caminhonete ao longo de uma antiga trilha de lenhadores, que serpenteia montanha acima.

Quando passamos sobre as pedras, balançando muito e deslocando o cascalho solto, os galhos rosa-pálidos, o galardão da montanha, escovam as janelas da caminhonete. A estrada acaba embaixo de um emaranhado de rododendros selvagens. Amarramos nossas botas de caminhada e enchemos nosso cantil com água de uma nascente que brota, borbulhante, sob uma pedra coberta por musgos.

Enquanto caminhamos, localizamos açucenas e orquídeas, falsos selos-de-Salomão e lírios. Sentimos a fragrância pungente das folhas dos pinheiros aquecidas pelo sol, enquanto passamos embaixo dos galhos inclinados das árvores altas.

Um caminho tênue leva a uma floresta de pináceas. Passamos por ele outras vezes, mas nunca o pegamos, só que, desta vez, decidimos explorá-lo. Agora, a floresta começa a se abrir e podemos ver a luz de uma clareira. No meio há uma chaminé de pedra, um remanescente de uma propriedade rural.

Senti o cheiro dos lilases antes de vê-los. A brisa ficou de repente suave e magnífica. Ao lado da chaminé, encontramos um velho celeiro rodeado por litorinas, um tipo de molusco; as flores azuis ficam esmaecidas quando em contraste com as folhas verdes brilhantes. Próximo a uma pedra grande e plana, que deve ter servido de degrau na entrada da casa, há um arbusto de lilases, cujos galhos, grossos e retorcidos, estão carregados de cones roxos. Recolho alguns para mim. O aroma me envolve e, por um momento, não estou mais em uma clareira na floresta, mas no jardim da casa de minha avó.

Os lilases eram as flores favoritas dela, e o quintal estava cercado dessas flores. No entanto, apenas quando tinha nove ou dez anos é que descobri que um desses arbustos era meu. Em uma tarde de primavera, muito parecida com essa, a vovó e eu estávamos colhendo flores para a sala de jantar. Quando estiquei o braço para cortar um lilás branco, ela disse: "Este é o meu arbusto, sabia?". Virei-me, surpresa.

Ela sorriu: "É mesmo, pois eu o plantei em sua homenagem, no ano em que você nasceu". Olhei o adorável arbusto, muito mais alto do que eu, e me senti muito importante.

Depois, vovó pegou minha mão e me apresentou a todos os outros lilases em seu jardim. Enquanto estávamos embaixo do maior deles, ela disse: "Plantei este no ano em que Jimmy nasceu". (Jimmy era meu pai.

Sempre me assustava quando alguém chamava aquele homem alto e que estava ficando careca de Jimmy. Mamãe o chamava de Jim.) Fomos até um lilás vermelho escuro: "E este plantei em memória de seu avô, no ano em que morreu". O sorriso dela se dissipou por um momento e, a seguir, ela me levou para o jardim da frente.

Ao lado do portão, havia um lilás rosa escuro, apenas um pouco mais alto do que o meu.

- Este aqui, plantei no ano em que seus pais se casaram - disse a vovó. - Este com certeza vicejou.

E isso realmente havia acontecido. Alguns galhos estavam tão pesados com as flores, que a vovó teve de sustentá-los com forquilha feitas com galhos podados da macieira.

Atrás do canteiro de flores havia dois lilases pequenos, um deles azul-violeta claro, e o outro, rosa-pálido. "Estes plantei para suas irmãs", disse ela, enquanto cortava um ramo de cada e os colocava em sua cesta. "O azul-violeta é da Ellen e chama-se Minueto. O pequeno, rosa, chama-se Brilho da Lua, e o plantei há três anos para a Beth." Minhas irmãs pequenas tinham apenas seis e três anos, mas certamente contaria a elas tão logo pudesse que tinham um lilás no jardim da vovó - lilases com nomes bonitos.

Quando me aproximei do terraço, vi um lilás pequeno com apenas algumas flores, poucas e pequenas. A cor deles era azul noite, e seu cheiro era exótico, quase picante. Nunca vira esse arbusto antes. Olhei para a vovó.

- Este se chama Noturno - disse ela - e o plantei para mim no outono passado em homenagem à minha aposentadoria, quando deixei de trabalhar na biblioteca.

Ela riu e acrescentou:

- Acho que também mereço.

Vovó, por muitos anos, ajudou as crianças de nosso vilarejo a encontrar o livro perfeito. Agora, poderia passar seu tempo fazendo o que mais gostava: ler e cuidar do jardim.